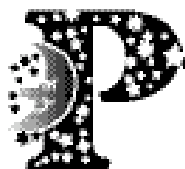


Jornalistas da madrugada

Na guerra da informação... vence quem dorme menos

BERNARDO SCOTTI, LÍVIA ARBEX, LÍVIA FARIA E MANOELA CAMPOS



Paralelamente ao constante avanço tecnológico nas comunicações, um paradoxo: quanto mais facilidades de se obter informações, mais necessidade de se estar atenta a elas. Cresce o número dos chamados plantonistas, que trocam o dia pela noite, em busca do jornalismo intensivo. No entanto, o que veio para agilizar o trabalho do jornalista também aumentou a carga horária deste profissional. E, não ignorando a concorrência e o fenômeno da globalização, quem cedo madruga – ou nem mesmo dorme – vence a briga pela busca de notícias.

O trabalho noturno pode ser considerado consequência deste processo, como também fruto de um novo ritmo de trabalho que atende aos interesses econômicos vigentes. No jornalismo, lazer e profissão misturam-se a cada dia. Com isso, fins de semana, feriados e noites de sono tornam-se cada vez menos “sagrados”.

“Se você entra em televisão, rádio ou jornal, pode ter certeza que sua vida muda. Quem pensa que vai trabalhar com jornalismo para emendar feriadão ou pular carnaval, deve esquecer”, afirma Alves de Melo, apresentador do programa “CBN Madrugada”, da Rádio CBN.

Há cinco anos invertendo os turnos do dia, Alves explica que, nos programas de rádio, a informação ganha mais espaço na madrugada, já que não há interferências de comentários durante entrevistas e notícias.

“Os programas, apesar de menos dinâmicos, possuem mais volume de informação. Você pode focar melhor os principais assuntos do dia anterior e abordar a primeira página dos jornais do dia seguinte”, diz Alves.

Se ouvir rádio de madrugada é uma opção para o público, comprar jornal à meia-noite não é um hábito comum. Mas lá estão os plantonistas, na redação ou nas ruas, até às sete horas da manhã, cobrindo crimes, seqüestros e qualquer outro acontecimento inesperado que seja considerado notícia. Para eles, a versatilidade é um item essencial a este profissional.



“Tá com sono, toma café, dá um jeito”

Régis Rösing

“Não fazemos apenas um tipo de matéria, cobrimos tudo. Normalmente, ligamos para batalhões e delegacias em busca de notícias. E temos as fontes, que também nos ligam. Acompanhamos o que está acontecendo na cidade por telefone e a equipe completa, com fotógrafo, motorista e repórter, vai

para a rua”, explica Jorge Martins, que trabalha há 16 anos como repórter plantonista do jornal O Globo.

As apurações noturnas, expostas muitas vezes ao perigo, acabam unindo os profissionais deste horário. Equipes de diferentes veículos criam, segundo Jorge, uma cumplicidade peculiar: “Há uma união muito grande com os colegas de outras empresas. Você acaba fazendo boas amizades. Como as apurações são mais difíceis na escuridão total, um colega ajuda o outro”.

E acompanhando este processo, a TV, que antes exibia a tela de “colorbar” mais cedo, hoje encer-

ra a sua programação cada vez mais tarde, ou nem chega a sair do ar. Alguns canais da TV a cabo são exemplos da busca incessante pela informação. Se não há como esperar os acontecimentos, o jornalismo está a postos para se pronunciar 24 horas por dia.

Fábio Barreto, repórter noturno da Rede Bandeirantes, explica os meios de como se obter informações quando o silêncio se confunde com a ausência de acontecimentos: “Acho que já distribuí mais de 400 cartões meus durante a madrugada. E alguém sempre liga. O segredo é se colocar abaixo da pessoa, é a maneira como você a trata. O delegado pede matéria, eu dou. É assim que se conquista”.

Fábio, ex-jornalista esportivo, está neste horário há dois anos e meio, e confessa que nada entendia de polícia. Aceitar o desafio de cobrir matérias policiais não somente exigiu que ele conquistasse as



“Trabalhar de noite, para mim, é como ler um livro antes de dormir. É um hobby”

Aloy Jupiara

chamadas fontes, como também, exigiu coragem para enfrentar as situações de risco. Alguns cuidados, como não mostrar os rostos de policiais e avisar quando vai gravar são necessários para diminuir a vulnerabilidade da profissão. Ao lado do técnico Ricardo Lisboa e do repórter cinematográfico João Souto, ele acumula algumas histórias peculiares deste tipo de trabalho.

“Uma vez, na Linha Vermelha, estava acontecendo um tiroteio e o Fabinho teve que ficar quase uma hora deitado num formigueiro sem se mexer. Eu fiquei deitado numa vala. Eles não querem saber se tem imprensa no meio. Saem atirando”, conta João.

Se é evidente esta tendência jornalística de estar ligado, dia e noite, no que acontece, há, também, aqueles que optam pelo silêncio da madrugada para realizar suas tarefas. Na Internet, onde a busca do instantâneo é outro exemplo da produ-



“Recentemente, nós estávamos no Morro dos Macacos, na Tijuca/Vila Isabel. Ficamos uma, duas horas, e não estava acontecendo nada. Um tirinho de vez em quando, mas nada que rendesse uma matéria. Aí, às duas da manhã, falei para voltarmos para a redação. Quando o Ricardo segurou no volante, falou assim: “Não, ainda faltam duas horas para terminar nosso horário. Vamos ficar”. Ficamos. Todo mundo foi embora, a gente ficou. Meia hora depois estourou um baita de um tiroteio. A gente pegou uma imagem de um morador que desceu do ônibus

Histórias da madrugada

todo de preto e não percebeu o que estava acontecendo na favela. Como ele estava todo de preto, os traficantes pensaram que ele era policial e começaram a atirar em cima dele. Nós fizemos essa imagem, que foi muito comentada.”

(Fábio Barreto)

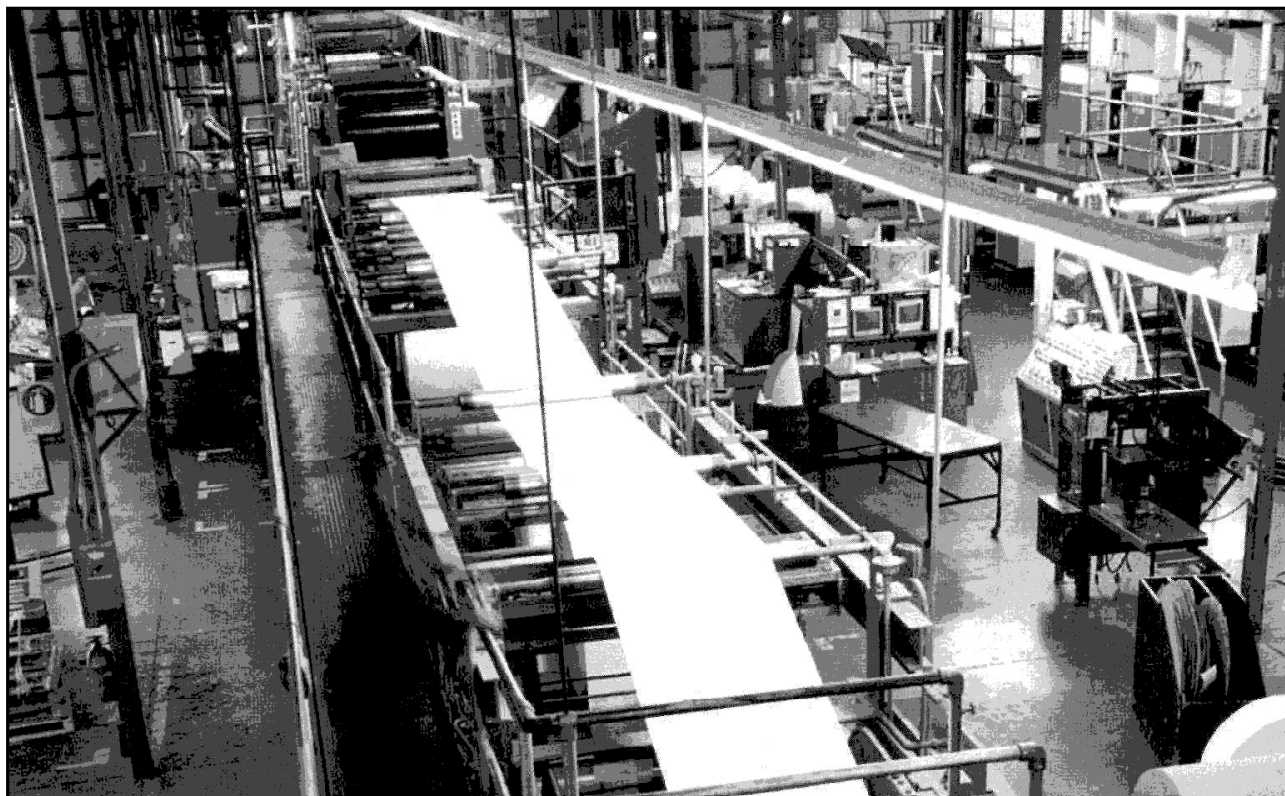
“Quando era diretor de Jornalismo da Rádio Paradiso (antiga Del Rei), fui entrevistar uma estagiária que tinha um texto excelente. Ela me perguntou o horário e falei que ela poderia escolher entre manhã ou tarde. Ficou acertado que seu horário seria de meio-dia às 17h, de segunda a sexta, mas avisei que ela teria que trabalhar um sábado ou domingo no mês para fazer plantão. Quanto

ouviu isso ela arregalou os olhos e me perguntou: ‘É a minha praia, como fica?’ Não está no mercado”.

(Alves de Melo)

“Existe uma coisa que as pessoas não valorizam que é a chamada exaustão. Todo mundo quando está exausto, está cansado, quer ir para cama dormir. Que desperdício! Na exaustão, a pessoa fica mais sensível. Todo mundo acha que fica meio desligado. Não, fica mais sensível. Fica um dia sem dormir para ver como tu vai ficar mais sensível, mais delicado, com mais percepção. São sensações que a gente tem e não dá valor porque quer dormir toda hora. Quer cumprir tabela”.

(Régis Rösing)




tividade levada ao extremo, um jornalista acostumado com o vazio da redação garante que optou pelo horário de seu expediente. Aloy Jupiara, editor-chefe do *site* Globonews.com, escolheu o turno da noite para fazer seus trabalhos mais detalhadamente. “Neste horário, posso ler as notícias da semana, tratar de assuntos administrativos, cumprir tarefas que não dependem de outras pessoas e data e hora marcada, como acontece necessariamente com os repórteres. Trabalhar à noite, para mim, é como ler um livro antes de dormir, é um hobby”.

Se esta pode ser considerada uma escolha incomum, as atualizações necessárias a um *site* da Internet podem justificar a presença do editor-chefe quando praticamente ninguém está presente na redação. Há alguns, entretanto, que não somente preferem a escuridão e o silêncio, como também dobram a carga horária por opção. Passar duas ou três noites sem dormir é algo comum no cotidiano do repórter esportivo e editor de imagens da Rede Globo, Régis

Rösing. Questionado sobre a necessidade de virar madrugadas para editar as próprias matérias, Régis explica sua proposta de produção: “Meu caminho é mostrar que existem infinitas e ilimitadas maneiras de se contar uma história na televisão. O importante não é o tempo da matéria, e sim, quanto tempo ela vai ficar na cabeça das pessoas. E, para isso, tem que ter muito tempo para fazer a história ficar boa”, diz Régis. “Na madrugada, só há o barulho da máquina. Não tem ninguém para te perturbar, te desconcentrar. Tá com sono, toma café, dá um jeito. Acho que o ser humano dorme demais. Todo dia a gente dorme. Todo dia você está lá, oito horas na cama”.

Enquanto uns optam pela noite por causa da tranquilidade, outros gostam da agitação e dos desafios do furo jornalístico. Seja o silêncio, o tempo ideal para observar os detalhes, o aumento da produtividade, as regras do jornalismo intensivo, a necessidade ou a opção, a madrugada é cada vez mais dia para muitos jornalistas.


**“Você pode focar
 melhor os principais
 assuntos do dia
 anterior e abordar a
 primeira página dos
 jornais do dia
 seguinte”**

Alves de Melo